

TEOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

ESPÍRITO SANTO



VICTOR CODINA



INTRODUÇÃO

Diante da pergunta que muitos se fazem sobre se Francisco é realmente teólogo, pergunta essa que muitas vezes nasce da suspeita ou inclusive da acusação de sua incompetência em teologia, é necessário um esclarecimento de conceitos e de termos.

Para isso, acudimos a um conhecido texto de Santo Tomás de Aquino, no qual ele distingue a existência de duas diferentes cátedras na Igreja: a *cathedra pastoralis*, dos pastores que exercem o ministério ordenado hierárquico na Igreja, singularmente bispos e papa, e a *cathedra magisterialis*, dos teólogos e doutores, professores das universidades da Igreja.¹ Os dois magistérios não são paralelos, mas convergentes, às vezes se identificam (como em muitos padres da Igreja), outras vezes não, e entre os dois magistérios sempre houve tensões que, segundo Newman, se bem levadas, conduzem a um mútuo enriquecimento e equilíbrio.

Suposto isso, embora o jovem jesuíta P. Jorge Mário Bergoglio por algum tempo ensinasse pastoral na Faculdade de Teologia dos Jesuítas de San Miguel, em Buenos

¹ *Quodlibet* III, 9, ad 3; *In IV Sent*, d 19,2,2, 1 qa 2, ad 2.

Aires, nunca se dedicou a ser um profissional acadêmico da filosofia e teologia – de modo diferente do filósofo Karol Wojtila e do teólogo Joseph Ratzinger, seus predecessores imediatos no pontificado – , mas foi antes de tudo um pastor.

O Papa Francisco não exerce a cátedra magistral, mas a cátedra pastoral, em continuidade com o seu magistério pastoral como bispo e cardeal de Buenos Aires. A sua atuação não é a de um teólogo profissional e acadêmico, mas a de um pastor que busca antes de tudo o bem espiritual do povo de Deus.

A partir deste esclarecimento, pode-se entender que o ensino de Francisco sobre o Espírito Santo não será o de um professor acadêmico de Pneumatologia (quer dizer, uma reflexão científica e acadêmica sobre o Espírito), mas a de um pastor preocupado com a vida de seu povo no Espírito.

Não encontraremos no magistério de Francisco uma Pneumatologia bíblica, patrística e sistemática, no estilo das de Congar, Hilberath, Mühlen, Durrweell, Sesboüe, Comblin, Boff... Francisco não se dedica a expor a história e a evolução do dogma do Espírito Santo, nem as controvérsias de Roma com o Oriente cristão sobre a origem ou processão do Espírito no Mistério Trinitário (o *Filioque*), nem as razões pelas quais o Espírito Santo ficou como que oculto

e debilitado na Igreja latina, como expuseram os teólogos ortodoxos (o chamado “cristomonismo” ou o centramento exclusivo em Cristo).

Francisco se interessa mais em falar do Espírito como princípio de vida nos fiéis, na Igreja e na sociedade. Para Francisco, o Espírito é o motor e o dinamismo vital que nos chama a uma reforma da Igreja. Nesse sentido, a teologia do Espírito de Francisco é pastoral e profética e, como todo profetismo denuncia a realidade contrária a Deus, anuncia o projeto de Deus e chama à conversão pessoal e estrutural.

Por isso, a nossa exposição constará de duas partes bem diferenciadas. Numa primeira parte, exporemos as referências diretas e explícitas ao Espírito nos principais documentos do magistério de Francisco, para passar, numa segunda parte, a investigar as referências implícitas ao Espírito existentes em sua reforma profética da Igreja.

1

MAGISTÉRIO EXPLÍCITO DE FRANCISCO SOBRE O ESPÍRITO

O que diz Francisco sobre o Espírito nos principais documentos de seu magistério?

1.1. *Evangelii gaudium*, A alegria do Evangelho (novembro de 2013)

Em *Evangelii gaudium* (EG) fala do Espírito não de forma abstrata e teórica, mas como o dinamismo vital que anima a Igreja e a faz passar de uma atitude pessimista, de desânimo (acídia) ou simplesmente empresarial, a uma atitude de conversão e de reforma, promovendo uma evangelização querigmática, quer dizer, de anúncio alegre do Evangelho.

O Espírito guia o povo de Deus para a verdade (EG 119), está presente na religiosidade popular (EG 126), mobiliza-nos para atender os outros (EG 199), harmoniza as diversidades (EG 230), produz frutos no ecumenismo fomentando um intercâmbio de dons e do Espírito entre as diversas Igrejas (EG 246), está presente nos ritos dos não cristãos e suscita neles sabedoria prática (EG 254).

O capítulo V de EG, “Evangelizadores com Espírito”, é o que com mais frequência cita e invoca o Espírito. Os evangelizadores não de estar abertos à ação do Espírito, este Espírito que em Pentecostes infundiu força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (EG 259). Havemos de invocar o Espírito para que a ação evangelizadora não fique vazia e sem alma (EG 259). Há de se evangelizar não só com espírito, mas também com o Espírito Santo, que é a alma da Igreja evangelizadora. Há de se invocar o Espírito para sacudir, renovar e impulsionar a Igreja em ousada saída evangelizadora, para evangelizar a todos (EG 261). A missão não é um projeto empresarial, mas fruto do Espírito (EG 279).

Esse Espírito, ligado a Jesus ressuscitado, atua como quer e quando quer. Havemos de deixar que seja ele quem faça fecundos nossos esforços (EG 279). Havemos de ter uma confiança decidida no Espírito, pois ele vem em auxílio de nossa fraqueza (Rm 8,26), e “pode curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário” (EG 280).

Citemos textualmente um parágrafo no qual Francisco nos transmite a sua experiência espiritual:

É verdade que esta confiança no invisível pode causar-nos alguma vertigem: é como mergulhar num mar onde não sabemos o que vamos encontrar. Eu mesmo o experimentei tantas vezes. Mas não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que ele nos ilumine, guie, dirija e impulsiona para

onde ele quiser. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto chama-se ser misteriosamente fecundos! (EG 280).

O capítulo V termina com uma referência a Maria, que com o Espírito está sempre no meio do povo (EG 284) e reconhece a presença do Espírito nos grandes e pequenos acontecimentos (EG 288).

Evangelii gaudium termina com uma oração a Maria, que, movida pelo Espírito, acolheu o Verbo da vida e esteve em Pentecostes à espera do Espírito para que nascesse a Igreja evangelizadora, e que pede que nos consiga um novo ardor para levar o Evangelho da vida que vence a morte, “para que a alegria do Evangelho chegue até os confins da terra e nenhuma periferia fique privada de sua luz” (EG 288).

Após esta breve exposição, fica claro que Francisco, em *Evangelii gaudium*, não se manifesta como teólogo profissional de Pneumatologia, mas como pastor preocupado com a evangelização que utiliza corretamente os dados da revelação para fomentar a vida do povo.

1.2. *Misericordiae vultus*, Bula de convocação do Jubileu extraordinário da misericórdia (abril de 2015)

Essa Bula do Jubileu da misericórdia é um texto breve, mais trinitário e cristológico que diretamente pneumato-

lógico: “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai”, que nos revela a misericórdia do Pai (MV 1).

Contudo, há algumas alusões ao Espírito. Ao recordar que esse Jubileu é convocado aos 50 anos da conclusão do Concílio Vaticano II, afirma-se que o Vaticano II foi “um verdadeiro sopro do Espírito” (MV 4) que ajudou a derrubar as muralhas que por muito tempo “tinham encerrado a Igreja numa cidadela privilegiada”, bem como a lançar a Igreja na evangelização. O tema da misericórdia enlaça com o desejo de João XXIII de preferir na Igreja a misericórdia à severidade e com a afirmação de Paulo VI de que a espiritualidade do concílio é a do bom samaritano (MV 4). Desse modo, o tema da misericórdia se conecta com o Vaticano II, fruto do Espírito. Por isso se afirma: “O Espírito Santo, que conduz os passos dos crentes de forma a cooperarem para a obra de salvação realizada por Cristo, seja guia e apoio do povo de Deus a fim de o ajudar a contemplar o rosto da misericórdia” (MV 4).

Quer dizer, é o Espírito quem nos conduz a Cristo, rosto da misericórdia do Pai, quem nos leva a Cristo compassivo e misericordioso, quem nos revela que Deus é amor (MV 8), e o Espírito nos faz compreender que a misericórdia é a palavra-chave da Escritura para indicar o agir de Deus para conosco (MV 9), que a misericórdia é a viga

mestra da Igreja (MV 10), uma Igreja que nos chama a ser misericordiosos como o Pai (MV 13).

A Bula também cita o texto de Lucas que nos narra como Jesus na sinagoga de Nazaré atualiza a profecia de Isaías 61,12:

O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros; para proclamar um ano de misericórdia do Senhor (MV 16).

Desse modo, na Bula se manifesta a ação do Espírito na atitude misericordiosa e libertadora de Jesus, na Igreja que quer revelar a misericórdia divina e nos crentes, para que contemplem o rosto da misericórdia em Cristo e sejam misericordiosos como o Pai.

Também aqui Francisco aparece não como o doutor em Pneumatologia, mas como o pastor bom e sábio que invoca o Espírito e recorre a ele para levar a Igreja pelo caminho da misericórdia.

1.3. *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum (maio de 2015)

Se até agora, nos documentos anteriores, Francisco se concentrara na presença dinamizadora do Espírito na Igreja, em *Laudato si'* se abre ao cósmico e ecológico, a toda a criação e à interconexão com tudo.

O ponto de partida é trinitário, Pai, Filho e Espírito, Espírito que é “vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos” (LS 238). Toda criatura traz em si uma estrutura propriamente trinitária (LS 239), é uma trama de relações segundo o modelo divino, e a consequência é que tudo está interligado (LS 240).

“O Espírito de Deus encheu o universo de potencialidades que permitem que, do próprio seio das coisas, possa brotar sempre algo de novo” (LS 80). Em cada criatura habita o Espírito vivificante que nos chama a uma relação com ele e estimula em nós o desenvolvimento das “virtudes ecológicas” (LS 88), de uma conversão ecológica e de uma espiritualidade ecológica não desconectada da natureza (LS 216), de um estilo de vida profético, que se alegre com o pouco, “quanto menos, tanto mais” (LS 222), de uma espiritualidade que implica paz interior, ecologia integral (LS 226), de fraternidade universal (LS 229), com microrrelações e macrorrelações, cultura do cuidado, proteção de toda a vida (LS 231), integrando descanso e festa (LS 237), caminhando para o sábado eterno, para a nova Jerusalém (LS 243), com uma mística que “sente que Deus é para ele todas as coisas”, como afirma João da Cruz (LS 234).

Dentro da criação, a pessoa humana é templo do Espírito e, na liturgia sacramental, através da matéria, chega

a unir-se ao Senhor Jesus, feito corpo para a salvação do mundo (LS 235).

“O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis” (LS 80).

Na oração final se pede:

*Espírito Santo, que, com a vossa luz,
guiais este mundo para o amor do Pai
e acompanhais o gemido da criação,
vós viveis também nos nossos corações
a fim de nos impelir para o bem.*

Louvado sejais! (...)

Os pobres e a terra estão bradando:

Senhor, tomai-nos

sob o vosso poder e a vossa luz,

para proteger cada vida.

Nessa encíclica, Francisco incorpora dimensões do Espírito não habituais nem na teologia ordinária nem na pastoral. E o fundamenta trinitariamente: “O mundo foi criado pelas três Pessoas como um único princípio divino, mas cada uma delas realiza esta obra comum segundo a própria identidade pessoal” (LS 238). Dentro dessa obra comum trinitária, Francisco reconhece de um modo especial a obra do Espírito.